



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2023

O CORPO COMO GUARDIÃO DO REPERTÓRIO IDENTITÁRIO LATINO-AMERICANO EM *JAMAIS* *FOGO NUNCA* DE DIAMELA ELTIT

Letícia Barbosa de Jesus Costa¹; Edson Oliveira da Silva²;

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Nome do Curso, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:

letbjcosta@gmail.com

2. Orientador, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:

eosilva@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: corpo; América Latina; *Jamais fogo nunca*; Diamela Eltit

INTRODUÇÃO

“Jamais o fogo nunca” (2007), primeiro romance da chilena Diamela Eltit publicado no Brasil, constitui-se através do fluxo de consciência da narradora, uma mulher não nomeada que, rejeitando qualquer compromisso com a linearidade cronológica, revisita analiticamente episódios passados e expande a memória subjetiva da luta contra a ditadura chilena – regime autoritário instaurado por Augusto Pinochet, através de golpe militar, em 1973 –, ao mesmo tempo em que examina o colapsado presente que compartilha com seu companheiro – a versão débil de um líder militante autoritário.

O engajamento ideológico, severo e inflexível, bem como a existência civil clandestina impediram o casal de prestar socorro ao ‘menino’ – como é chamado pela mãe em suas inflexões, único filho (in)existente de um casal que se diluiu no correr dos minutos e das horas –, que então faleceu sob os olhares dos pais, no mesmo aposento em que mais tarde a narradora realiza seu nostálgico exercício reflexivo.

A persona construída por Eltit não deixa de evocar, através da reclusão no quarto em que vive, dos obscuros trajetos que traça numa cidade que já não reconhece e dos serviços de cuidadora, tão odiados quanto essenciais, que oferece para garantir sua subsistência, a brutal violência de Estado que perseguiu, torturou e assassinou milhares de pessoas, devastando as células opositoras, e para além disso, devastando vidas. A autora se apropria de um deste traço de violência, que foi um dos mais marcantes da ditadura de Pinochet: os desaparecimentos forçados. Feito fumaça, a mulher habita esse espaço de suspensão entre a vida e a morte, a autora monta um corpo que interpela o desaparecimento de um projeto político, ao mesmo tempo em que traz à tona suas contradições internas.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

O método adequado foi a pesquisa bibliográfica no SCIELO, LILACS, biblioteca virtual da USP e Google Acadêmico, a partir de análise da literatura específica

dentro desta temática, seus gráficos, estatísticas, bem como relatos de pesquisadores e cientistas sociais brasileiros e estrangeiros.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados) CONCLUSÕES

A escolha por uma voz narrativa ambígua e duplamente marginal – militante e feminina – escancara o familiar silenciamento, que, por sua vez, ressoa como um velho cântico que desgraçadamente o sujeito latino-americano conhece de cor. Sendo assim, é justamente pelo fato de ser ambivalente que o corpo desenhado por Eltit torna-se capaz de expor tanto as opressões simbólicas de gênero, quanto as inscrições físicas da tortura, e ainda, a tentativa de domesticação imposta aos corpos latino-americanos, primeiro pelas monarquias europeias, através da colonização, em seguida pelo Estado, através das ditaduras. Atualiza-se o carrasco, mas o corpo encarcerado é sempre o mesmo, o nosso.

A arte no contexto ditatorial problematiza a relação entre linguagem e poder. Isso é perceptível na escrita de Diamela Eltit, uma vez que as relações de poder e seus conflitos estão presentes no microuniverso em que se insere a narrativa, a casa, o quarto, os relacionamentos, funcionando como alusão simbólica ao macrouniverso do regime ditatorial latino-americano. A compressão dos elementos linguísticos, o abafamento provocado pela forma narrativa e a fragmentação dos discursos levam à construção de um texto, que se constrói como uma outra voz, uma que aspira situar-se fora das instâncias dominantes do poder para então denunciá-las. Na escrita de Diamela Eltit, aparece a nação fragmentada e em crise, assim como o discurso que a representa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Para concluir, consideramos que Foucault atrela corpo à proveniência (procedência, fonte, origem). Para ele, proveniência "[...] é um tronco de uma raça [...]; é o antigo pertencimento a um grupo – do sangue, da tradição, de ligação entre aqueles da mesma altura ou da mesma baixeza" (FOUCAULT, 1996, p. 20). Sendo assim, podemos entender corpo como invólucro, de carne e osso, ou seja, matéria, que não é inerte, ao contrário, é viva, moldável e indissociável de impressões, pinturas e marcas, resultantes das ligações sociais e culturais, bem como, das relações de poder, que precedem ou sucedem sua própria existência. Ravetti (2002) aponta que “O corpo se impõe, nos jogos com a subjetividade e a biografia, a exposição das marcas da vida pessoal (o sexo, a tortura, os territórios ocupados, os medos, as traições)”, dessa forma, a escrita de Eltit se constrói como manifestação simbólica das cicatrizes de um passado não tão distante, ao mesmo tempo em que confere à palavra uma dimensão corporal, mesclam-se verbo e carne em um todo que não pode ser dissociado e que intencionalmente assimila a inerência que há entre os corpos-territórios latino-americanos e o histórico de violências e opressões sofridos até aqui. Temos então um corpo-escrita que extrapola o caráter linguístico, e também o biológico, e perpassa pela posição de sujeito histórico, guardião do repertório identitário da sociedade latino-americana.

REFERÊNCIAS

- CRAGNOLINI, Mónica. Moradas nietzscheanas. *Del sí mismo, del otro y del “entre”*. Buenos Aires: Ediciones La Cebra, 2006.
- ELTIT, Diamela. *Jamais o fogo nunca*. Belo Horizonte: Relicário, 2017.

FOUCAULT, Michel. Corpo-poder. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

RAVETTI, Graciela. Narrativas performáticas. In: RAVETTI, Graciela; ARBEX, Márcia (Org.). *Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais*. Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas, Poslit/FALE/UFMG, 2002. p. 45-68.